30400

DISCRIMINAÇÃO E ESTIGMA PERCEBIDOS POR MULHERES VIVENDO COM HIV/AIDS NO MUNICÍPIO DE PORTO ALEGRE

Cristiane dos Santos Machado. **Orientador:** Daniela Riva Knauth

Introdução: Mesmo após 3 décadas do aparecimento da AIDS e com o alcance global da epidemia, a infecção pelo HIV, uma doença sexualmente transmissível, continua carregada de estigma e discriminação. Tal dado se fortalece pela associação de atributos morais negativos com os portadores do vírus, o que gera implicações tanto para a prevenção como para o controle da epidemia. Estigma e discriminação resultam de condições e interações sociais e estruturais amplas que decorrem da articulação entre eixo de desigualdades, tais como classe social, gênero, geração, raça, cor, etnia, cujo reconhecimento é importante para o enfrentamento dessa epidemia e diminuição da vulnerabilidade. Objetivo: Compreender o estigma e as manifestações de discriminação produzidos pelo diagnóstico de HIV em mulheres que vivem com HIV/Aids. Metodologia: Foi realizada uma pesquisa qualitativa, com o privilégio da técnica de entrevista semiestruturada. Foram entrevistadas 20 mulheres vivendo com HIV/Aids, selecionadas a partir de um estudo quantitativo anterior realizado com usuárias de serviços públicos especializados no atendimento do HIV/Aids em Porto Alegre. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra. Os dados foram categorizados no programa MAXQDA. O projeto foi aprovado pelo comitê de ética da UFRGS e demais instituições envolvidas. Resultados: As entrevistadas referem diferentes manifestações de discriminação relacionadas ao diagnóstico de HIV. Estas manifestações vão desde aquelas produzidas no âmbito dos serviços de saúde, até aquelas que se localizam na esfera familiar. A principal estratégia utilizada pelas mulheres para minimizar o impacto do diagnóstico sobre suas relações sociais é a gestão sobre sua revelação. O diagnóstico é revelado, quando possível, apenas para algumas pessoas próximas (como mãe, filhos, irmão e companheiro, em algumas situações). Há ainda a adoção de estratégias que visam facilitar esta revelação, particularmente no caso de um parceiro de relacionamento afetivosexual. De acordo com os dados, a família de origem da entrevistada é a principal rede de suporte para o enfrentamento da doença. Conclusão: Os dados sugerem que a Aids/HIV se mantém uma doença que produz estigma e discriminação, mesmo em contextos onde se esperaria um melhor acolhimento, como na familia dos portadores do vírus e nos serviços de saúde, por exemplo. Apesar de haver um maior entendimento da doença, ainda são necessárias intervenções a fim de diminuir a discriminação e o estigma que permanecem.